



SUDACAS – Corpos Insurgentes⁴⁹

Janayna Medeiros Pinto Santana⁵⁰
Universidade Federal de Goiás (UFG)

Resumo: Este trabalho consiste em uma sequência de imagens articuladas entre fotografias e vídeos (ensaio fotográfico de uma mulher transexual nua), buscando compor uma narrativa visual que se constrói pelas fotografias já editadas, que são intercaladas por trechos de vídeo (na ideia de um *making of*) que evidenciam a construção coletiva do mesmo, e a forma como a composição estética no produto (imagens) envolvem a criação discursiva em seu processo de criação. Esse trabalho integra parte da minha pesquisa de mestrado (em andamento) em Arte e Cultura Visual (FAV/UFG), onde investigo a corporalidade dissidente a partir de corpos transexuais/transgêneros. Esse corpo travestido, negro e que se marca pela sua trajetória sócio-econômica apresenta-se como uma forma transgressora da visualidade colonial, e foge desse postulado de padrões “ideais”. No mais, dos estudos descoloniais ainda vimos salutar as concepções de ecologia dos saberes, caminhando sob um compartilhamento da pluralidade e integralidade de conhecimento, que concebe direcionamentos a partir do diálogo entre várias áreas: aqui das artes, linguística, fotografia, cinema e audiovisual, estética e maquiagem, design e edição, cultura visual, entre tantos saberes que nos matizam enquanto pessoas sociais.

Palavras-chave: Transexualidade; Descolonização; Movimento cuir/cuir.

Do Processo de Criação

Esse registro foi produzido em maio do presente ano, no intuito de uma co-criação, integrando em construção colaborativa entre eu (fotógrafa), a maquiadora, uma *filmmaker* e uma aluna da graduação (monitora do laboratório de fotografia), e a transexual fotografada⁵¹, que orientou essa narrativa visual aos olhos da câmera (incluindo escolhas dos elementos de cena, posições, ângulos e expressões), pautando-se na ideia de como ela quer ser vista. A autoria desse trabalho por questões institucionais segue o modelo de submeter ao meu nome, mas insisto na ideia de uma autoria coletiva.

⁴⁹ Trabalho apresentado no III SEJA – Gênero e Sexualidade no Audiovisual realizado de 28 a 29 de novembro de 2018, na UEG Goiânia Campus Laranjeiras.

⁵⁰ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, da Faculdade de Artes Visuais – UFG; Especialista em História e Narrativas Audiovisuais pela Faculdade de História – UFG; Licenciada em História pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Campus Goiânia; Artista – Artesã; Bolsista pelo CNPq. Email: janaynarte@gmail.com

⁵¹ Equipe de produção do ensaio Sudacas – Corpos Insurgentes: Kamille Ferraz; Patrícia Guedes; Claudine Sarmento; Karen de Aguiar e Janayna Medeiros.



A concepção metodológica dos estudos descoloniais

Dedico-me a investigação de ações descoloniais, e dentro dessa perspectiva apresento o presente trabalho como sudaca, pois rejeita-se aqui o imperialismo de autorias, e propõe-se a construção de uma narrativa que vandaliza normatizações, renegando olhares voyeristas/fetichistas e as perspectivas colonizadoras. Aqui concebe-se o corpo em sua forma política, na ocupação de espaços sociais, sendo possível de ser visto como representação expressiva de subjetividades que estão para além das normativas (“caixas”), dialogando poeticamente com as formas e os elementos que compõem essas imagens. Estando atenta a autoria coletiva, partilhando com toda a equipe o fruto de seu envolvimento e trabalho, pois, ao contrário do imperialismo que defende o campo da autoria e sua “preservação”, legitimidade e validação para concessão, reportamos a dimensão de um trabalho em co-criação, assumindo os desafios do mesmo e ampliando e flexibilizando a dimensão de créditos a todas as pessoas que contribuem ao mesmo de forma direta.

O trabalho e sua concepção

Esse ensaio foi realizado na tarde do dia 28 de maio de 2018, dentro do Laboratório de Fotografia da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Esse fazer corpóreo de forma a interrogar ininterruptamente as “caixinhas” que são formuladas para o nosso ser diversificado e orgânico, estabelece-se como um exercício de desaprendizagem, prazeroso, porém árduo, que demanda certa resiliência ativista no campo linguístico (discurso/visualidade), nos viabilizando por caminhos vertiginosos na segmentação enquanto corpos sociais e interacionais.

Baseando-se aqui em uma pesquisa sobre o Kuir/cuir, que busca reivindicar corpos latino-americanos antes mesmo de serem “sexuados” por uma cultura colonizadora. Compreendendo esses corpos que não se legitimam nessas categorias dominantes como corpos insurgentes, enquanto suas dissidências existenciais em ocupar espaços ainda, ideologicamente, colonizadores, como universidades/academias, entre outros.

Ao dialogar com Karen (nossa modelo e roteirista no trabalho), ela nos trouxe a intencionalidade de estar participando desse trabalho para que sua voz e sua imagem pudessem ser ouvida e vista por outras pessoas trans que também pudessem ter a iniciativa de se engajar nesse trajeto, e mesmo diante de desafios e dificuldades cotidianas, ocuparem espaços neocoloniais, como o universitário. “Para uma ecologia de saberes, o conhecimento como intervenção no real – não o conhecimento como representação do real – é a medida do realismo” (Boaventura Santos, 2010)

No ensaio audiovisual que fizemos, por dialogar estética, diversidade e colonialidade, busquei assumir posições estruturais que fogem de “modelos” de colonialidade da imagem, tanto fixa, quanto em movimento, e do áudio. Com isso, inspirada pelo curta-



metragem “Historiografia” (2017, 4’), da diretora brasileira Amanda Pó, em que ela escolhe o silêncio (áudio por ausência total de som), como uma poética de resistência, em que demonstra pela técnica parte do que a narrativa quer dizer, ou seja, o silenciamento sofrido pelas mulheres ao longo da escrita historiográfica. Assim, no meu vídeo trago como recurso de resistência por esse silenciamento ao qual a população trans passa no Brasil, diante do enorme número de casos de homicídio e agressões contra esse grupo de pessoas.

Estando atentas a ideia de Hija de Perra que nos desperta ao processo violento de como “nossos ancestrais foram vestidos com roupas estranhas à sua cultura original, cortaram os seus cabelos para diferenciá-los entre homens e mulheres e não permitiram, tomando todas as práticas intersexuais por aberrações”, isso se deve à mente dos europeus colonizadores. (Hija de Perra, 2015, p.2)

Referências Bibliográficas

DE PERRA, Hija. “Interpretações imundas de como a Teoria Queer coloniza nosso contexto sudaca, pobre de aspirações e terceiro-mundista, perturbando com novas construções de gênero aos humanos encantados com a heteronorma.” **Revista Periódicus**, [S.l.], v. 1, n. 2, p. 291-298, jan. 2014. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/12896/9215>>. Acesso em: Jun. 2018

LOURO, Guacira Lopes. **Um Corpo Estranho – Ensaio sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

MOMBAÇA, Jota (Monstra Errática/MC Katrina). **Para desaprender o queer dos trópicos**: desmontando a caravela queer. Ssexbbo, ago 28, 2016. Disponível em: <<http://www.ssexbbo.com/2016/08/para-desaprender-o-queer-dos-tropicos-desmontando-a-caravela-queer/>> Acesso em: mai. 2018.

_____. Sob Butler: Cruzando a dystopia brasileira. In: **Monstruosas**: Monstruosidades, políticas nômades e anti-humanismo. Dez. 2017. Disponível em: <<https://monstruosas.milharal.org/tag/jota-mombaca/>> Acesso em: jul. 2018.

PELÚCIO, Larissa. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil? **Revista Periodicus**, Vol. 1, nº 1, 2014. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/10150/7254>. Acesso em: jun. 2018.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. 637 p.